

PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Nas *Memórias do cárcere*, referindo-me ao romance que novamente se imprime, escrevi estas linhas:

«O romance, escrito em seguimento daquele (*O Romance de um homem rico*), foi o *Amor de perdição*. Desde menino, ouvia eu contar a triste história de meu tio paterno Simão António Botelho. Minha tia, irmã dele, solicitada por minha curiosidade, estava sempre pronta a repetir o facto, aliado à sua mocidade. Lembrou-me naturalmente na cadeia muitas vezes meu tio, que ali devera estar inscrito no Livro das entradas no cárcere e das saídas para o degredo. Folheei os livros desde os de 1800, e achei a notícia com pouca fadiga e alvoroços de contentamento, como se em minha alçada estivesse adornar-lhe a memória, como recompensa das suas trágicas e afrontosas dores em vida tão breve. Sabia eu que em casa de minha irmã estavam acantoados uns maços de papéis antigos, tendentes a esclarecer a nublada história de meu tio. Pedi aos contemporâneos, que o conheceram, notícias e miudezas, a fim de entrar de consciência naquele trabalho. Escrevi o romance em quinze dias, os mais atormentados de minha vida. Tão horrorizada tenho deles a memória, que nunca mais abrirei o *Amor de perdição*, nem lhe passarei a lima sobre os defeitos nas edições futuras, se é que não saiu tolhicho incorregível

da primeira. Não sei se lá digo que meu tio Simão chorava, e menos sei se o leitor chorou com ele. De mim lhe juro que...»

Vão passados quasi dois anos, depois que protestei não mais abrir este romance. No decurso de dois anos tive de afrontar-me com uns infortúnios menos vulgares que a privação da liberdade, e esqueci os horrores dos outros, a ponto de os recordar sem espanto, e simplesmente como fuzis indispensáveis nesta minha cadea, em que já me vou retorcendo e saboreando com infernal deleitação. Abri o livro, como se o tivesse escrito nos dias mais festivos da minha mocidade; se bem que eu falo em dias de mocidade por me dizer a minha certidão de idade que eu já fui moço; que no tocante a festas de juventude, estou agora esperando que elas venham no outono, e é de crer que venham, acamaradas com o reumatismo e gota.

Este livro, cujo êxito se me antolhava mau, quando eu o ia escrevendo, teve uma recepção de primazia sobre todos os seus irmãos. Movia-me à desconfinança o ser ele triste, sem interpolação de risos, sombrio, e rematado por catástrofe de confrangir o ânimo dos leitores, que se interessam na boa sorte de uns, e no castigo doutros personagens. Em honra e louvor das pessoas que estimaram o meu livro, confessarei agradavelmente que julguei mal delas. Não aprovo a qualificação; mas a crítica escrita conformou-se com a opinião da maioria que antepõe o *Amor de perdição* ao *Romance de um homem rico* e às *Estrelas propícias*.

É grande parte neste favorável, embora insustentável juízo, a rapidez das peripécias, a derivação concisa do diálogo para os pontos essenciais do enredo, a ausência de divagações filosóficas, a lhaneza da linguagem e desartificio das locuções. Isto, enquanto a mim, não pode ser um merecimento absoluto. O romance, que não estribar em outras recomendações mais sólidas, deve ter uma voga mui pouco duradoura.

Estou quasi convencido de que o romance, tendendo a apelar da iníqua sentença, que o condena a fulgir e apagar-se, tem de firmar sua duração em alguma espécie de utilidade, tal como o estudo da alma,

ou a pureza do dizer. E dou mais pelo segundo merecimento; que a alma está sobejamente estudada e desvelada nas literaturas antigas, em nome e por amor das quais muita gente abomina o romance moderno, e jura morrer sem ter lido o melhor do mais apregoado autor. Dou-me por suspeito nesta questão. Graças a Deus, ainda não escrevi duas linhas a meu favor, nem sequer nas locais do jornalismo. Até escrupulizo em dizer que devem ler-se romances: não vão cuidar que eu recomendo os meus.

É certo, que tenho querido imprimir em alguns de meus livros o cunho da utilidade com o valor da linguagem sã e ajetada à expressão de ideias, que pareciam estranhas, como de feito eram, e não se não deparam nos escritos dos Sousas, Lucenas e Bernardes. Em verdade, foi isto mirar muito longe com vista muito curta; assim mesmo, fiz o que pude; e neste livro direi que fiz menos do que podia. Nos quinze atormentados dias, em que o escrevi, faleceu-me o vagar e contenção que requer o azevilhar e brunir períodos. O que eu queria era afogar as horas, e afogar talvez a necessidade de vender o meu tempo, as minhas meditações silenciosas, e o direito de me espreguiçar como toda a gente, e o prazer ainda de ser tão lustroso na linguagem, quanto, em diversas circunstâncias, podia ser.

O que então não fiz, também agora o não faço, senão em pouquíssimo e muito de corrida. O livro agradou como está. Seria desacerto e ingratidão demudar sensivelmente, quer na essência, quer na postura, o que, tal qual é, foi bem recebido.

Porto – Setembro de 1863

Publiquei, há vinte e dois anos, o romance *Onde está a felicidade?* – Pouco depois, Alexandre Herculano, republicando as *Lendas e Narrativas*, escrevia na *Advertência*: «... Nestes quinze ou vinte anos, criou-se uma literatura, e pode dizer-se que não há ano que não lhe traga um progresso. Desde as *Lendas e Narrativas* até o livro *Onde está a felicidade?* que vasto espaço transposto?»

Se comparo o *Amor de perdição*, cuja 5.^a edição me parece um êxito fenomenal e extra-lusitano, com *O Crime do padre Amaro* e *O primo Basílio*, confesso, voluntariamente resignado, que para o esplendor destes dois livros foi preciso que a Arte se ataviasse dos primores lavrados no transcurso de dezesseis anos. O *Amor de perdição*, visto à luz elétrica do criticismo moderno, é um romance romântico, declamatório, com bastantes aleijões líricos, e umas ideias celeradas que chegam a tocar no desaforo do sentimentalismo. Eu não cessarei de dizer mal desta novela, que tem a boçal inocência de não devassar alcovas, a fim de que as senhoras a possam ler nas salas, em presença de suas filhas ou de suas mães, e não precisem de esconder-se com o livro no seu quarto de banho. Dizem, porém, que o *Amor de perdição* fez chorar. Mau foi isso. Mas agora, como indemnização, faz rir: tornou-se cómico pela seriedade antiga, pelo raposinho que lhe deixou o ranço das velhas histórias do Trancoso e do padre Teodoro d'Almeida.

E por isso mesmo se reimprime. O bom senso público relê isto, compara com aquilo, e vinga-se barrufando com frouxos de riso

realista as páginas que há dez anos aljofarava com lágrimas românticas.

Faz-me tristeza pensar eu que floreci nesta futilidade da novela quando as dores da alma podiam ser descritas sem grande desaire da gramática e da decência. Usava-se então a retórica de preferência ao calão. O escritor antepunha a frequência de Quintiliano à do *Colete encarnado*. A gente imaginava que os alcouces não abriam gabinetes de leitura e artes correlativas. Ai! quem me dera ter antes desabrochado hoje com os punhos arregaçados para espremer o pús de muitas escrófulas à face do leitor! Naquele tempo, enflorava-se a pústula; agora, a carne com vareja pendura-se na escápula e vende-se bem, porque muita gente não desgosta de se narcisar num espelho fiel.

Pois que estou a dobrar o cabo tormentoso da morte, já não verei onde vai desaguar este enxurro, que rola no bojo a Ideia Novíssima. Como a honestidade é a alma da vida civil, e o decoro é o nó dos liames que atam a sociedade, lembra-me se vergonha e sociedade ruião ao mesmo tempo por efeito de uma grande evolução rigolboche. A lógica diz isto; mas a Providência, que usa mais da metafísica que da lógica, provavelmente fará outra coisa. Se, por virtude da metempsicose, eu reaparecer na sociedade do século XXI, talvez me regozije de ver outra vez as lágrimas em moda nos braços da retórica, e esta 5.ª edição do *Amor de perdição* quasi esgotada.

S. Miguel de Seide, 8 de Fevereiro de 1879

Camilo Castelo Branco

INTRODUÇÃO

Folheando os livros de antigos assentamentos, no cartório das cadeias da Relação do Porto, li, no das intradas dos presos desde 1803 a 1805, a folhas 232, o seguinte:

Simão Antonio Botelho, que assim disse chamar-se, ser solteiro, e estudante na Universidade de Coimbra, natural da cidade de Lisboa, e assistente na occasião de sua prisão na cidade de Vizeu, idade de dezoito annos, filho de Domingos Jose Correa Botelho e de D. Rita Preciosa Caldeirão Castello Branco; estatuta ordinaria, cara redonda, olhos castanhos, cabello e barba preta, vestido com jaqueta de baetão azul, collête de fustão pintado e calça de panno pedrez. E fiz este assento, que assignei - Philippe Moreira Dias.

À margem esquerda deste assento está escrito:

Foi para a India em 17 de Março de 1807.

Não seria fiar demasiadamente na sensibilidade do leitor, se cuido que o degredo de um moço de dezoito anos lhe há de fazer dó.

Dezoito anos! O arrebol dourado e escarlate da manhã da vida! As louçanias do coração que ainda não sonha em frutos, e todo se embalsama no perfume das flores! Dezoito anos! O amor daquela